

A FORMAÇÃO DO PENSAR CRÍTICO-FILOSÓFICO ATRAVÉS DAS MÍDIAS

Lauro Roberto Lostada ¹

RESUMO

As tecnologias, desde suas origens e principalmente a partir da revolução industrial, geraram grandes mudanças epistêmicas no campo da filosofia, quando, com o desenvolvimento de uma modelo positivista de conhecimento, preocupado intensamente com os métodos de pesquisa e experimentação, determinaria à filosofia um lugar secundário no contexto geral do mundo moderno e pós-moderno. Considera-se, neste contexto, que o conhecimento especulativo da filosofia, bem como o das religiões, deveria ser superado, em vista do novo conhecimento científico que ora explicaria o mundo. Assim, a dialética filosófica e o humanismo epistemológico passam a ser cada vez mais desconsiderados e a concepção progressista da história, de que ela vai numa só direção, impediu de ver a multiplicidade de temporalidades, a multiplicidade de histórias, com seus próprios ritmos e com suas próprias lógicas. Com o surgimento de um novo cenário onde o conhecimento se reinventa através da inteligência coletiva, fruto da convergência tecnológica, surge, contudo, cada vez mais, a possibilidade do renascimento do perspectivismo filosófico como uma possibilidade de investigação (*investiga-ação*). A escola, sob este panorama inovador, pode romper com sua origem reprodutora, de maneira a dissipar com a exclusão e a classificação que gerava em seus processos estruturantes, apontando para um possível desmascaramento onde se pode inferenciar, entre outras coisas, o potencial das mídias como um elemento possível para a formação de uma maneira nova de pensar, que possibilite como resultado a autonomia e a emancipação dos sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Epistemologia; Filosofia; Ciência; Mídia-Educação; Emancipação.

THE FORMATION OF CRITIC-PHILOSOPHICAL THINKING THROUGH THE MEDIA

ABSTRACT

Technologies, since its origins and mainly from the industrial revolution, generated large epistemic changes in the philosophy's Field, when, with the development of a positivist model of knowledge, intensely concerned with the methods of research and experimentation, would determine philosophy as a secondary place in the general context of the modern and postmodern world. It is considered, in this context, that the speculative knowledge of philosophy, and the religions, should

¹ Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Especialista em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares (FACVEST), Especialista em Mídias na Educação (FURG), Mestre em Educação (UFSC) – Contato: lostada25@yahoo.com.br. Endereço postal: Rua Menino Deus, 248 ou 250 - Barra do Aririú - Palhoça - Santa Catarina . CEP: 88134.480.

be overcome in sight of new scientific knowledge that now explains the world. Thus, philosophical dialectics and epistemological humanism become increasingly disregarded and the progressist conception of history that it goes in one direction, stopped to see the multiplicity of temporalities, the multiplicity of stories, with their own rhythms and its own logic. With the emergence of a new scenario where knowledge reinvents itself through the collective intelligence, the result of technological convergence arises, however, increasingly, the possibility of the revival of philosophical perspectivism as an opportunity to research. The school, under this innovative panorama, can break their reproductive origin, in order to dispel the exclusion and the classification generated in its structuring processes, pointing to a possible unmasking where you can indicate, among other things, the potential of the media as a possible factor in the formation of a new way of thinking, as a result that allows autonomy and emancipation of the subject.

KEYWORDS: Epistemology; Philosophy; Science; Media Education; Empowerment.

INTRODUÇÃO

A intenção deste artigo é refletir a partir de um ponto de vista crítico sobre a “teoria do conhecimento” como uma possibilidade de compreensão das relações que se estabeleceram historicamente entre o conhecimento gerado através da filosofia e aquele constituído pela ciência e a tecnologia. Assim, tomando por base as concepções apresentadas por Edgar Morin (1998) e Augusta Thereza de Alvarenga (2011), veremos que a *tecnociência*, como resultado desta relação na modernidade, gerou em sua constituição um enorme distanciamento da filosofia, culminando com um panorama desalentador que muitos entendem como a alienação da própria humanidade. Com o advento da *adhocracia*² pós-moderna, vem se constituindo, porém, um novo cenário que revaloriza o perspectivismo filosófico como possibilidade de construção de uma nova democracia pautada na inteligência coletiva e na economia afetiva, de modo que veremos a possibilidade da convergência não só da tecnologia como também do conhecimento como um todo capaz de gerar o bem-estar social, aliando democracia, identidade e política (Wolton, 2007).

Desta forma, acabaremos por realizar também uma crítica ontológica da própria educação escolar, com a finalidade de definir indiretamente a função do educador como sendo a forma privilegiada para a promoção de uma sociedade mais atenta aos ditames da dominação e da reprodução social. Esta ação docente constitui-se, portanto, como uma

² Conceito utilizado por Henry Jenkins (2008) para se referir a uma cultura do conhecimento que transforma a informação em ação.

poderosa ferramenta de conscientização e de emancipação. Se não houver mudanças no fazer pedagógico das escolas, mesmo que inconscientemente, o professor continuará, na maioria dos casos, a serviço das classes mais favorecidas, em detrimento dos interesses das grandes massas, permanentemente dominadas, afinal, a escola é, para muitos, o lugar onde o *habitus*³ é implantado e onde as classes são definidas e estratificadas.

As mídias na educação permitem potencialmente que compreendamos o sentido das coisas como via direta para que os indivíduos se tornem sujeitos de sua própria existência, lutando por seus interesses e aspirações, fazendo com que as tecnologias se tornem efetivamente possibilidade de conscientização, democratização e universalização do conhecimento, promovendo a justiça e a igualdade social. É provável, no entanto, que os panoramas epistemológicos vigentes até o momento se encontram profundamente enraizados nas estruturas e nos corpos, constituindo-se como uma constância trans-histórica que gera esquemas inconscientes e, portanto, não pode ser abolido com um simples ato de magia performática, se realizando lentamente, com muito trabalho e constante persistência.

SER SUJEITO NA ERA DA DES/INFORMAÇÃO

Desde os filósofos pré-socráticos travou-se uma verdadeira jornada epistemológica em busca da construção de um modelo de conhecimento que levasse em conta o homem em suas dimensões mais profundas e específicas, de modo que encontramos na filosofia grega um humanismo que irá romper, mesmo que parcialmente, com as antigas amarras da mitologia, mudando radicalmente a forma com que a humanidade se estabelecia até então. Gradativamente promoveu-se a emancipação das dimensões míticas, religiosas e do senso comum, buscando na filosofia a racionalidade que tanto se aspirava para o mundo. Com o tempo acabamos vislumbrando a ascensão da *técnica* como instrumento de experimentação que possibilitou uma segunda revolução do conhecimento, promovendo uma racionalidade submetida ao domínio formal, funcional e instrumental, passando a caracterizar o conhecimento pela busca sistemática de provas argumentativas, através de uma razão

³ Para Bourdieu *habitus* são as disposições duráveis e transmissíveis em relação à posição do indivíduo no campo (local de atuação social do indivíduo dentro da sociedade).

tornada *cálculo* (JAPIASSU, 2006). É nesse sentido pragmático que vislumbramos o nascimento da ciência moderna, com bases positivistas, em superação da filosofia e do saber especulativo. Assim, também se vislumbra o surgimento de uma maneira nova de ver o mundo e o homem, de forma que essa revolução epistemológica também projetou seus efeitos nas concepções cosmológicas e antropológicas que fundamentam o pensamento ocidental moderno.

O progresso passa a ser considerado nessa nova tessitura como uma lei evolutiva, de modo que Auguste Comte⁴ (1798-1857) considera que as verdades positivas, racionais e científicas produzidas pela nova ciência são concepções que vão de encontro com os interesses das novas burguesias em ascensão. O positivismo científico é tido, então, como uma etapa final de um processo histórico de desenvolvimento evolutivo iniciado pela *teologia* e mediado/circunstanciado pela *metafísica/filosofia* (ALVARENGA, 2011).

O movimento iluminista que se estabeleceu a partir do século XVIII e XIX, como representante da perspectiva positivista, passou a considerar que o método científico poderia de alguma maneira resolver todos os problemas da humanidade e promover a saúde, a paz e a felicidade. Dessa maneira, podemos ler que:

O “Deus todo-poderoso” passa a ser substituído pelo “homem todo-poderoso”: a crença no poder do homem é intensa, e isso se dá em função da crença no poder da razão, seja como instrumento de produção de conhecimentos, seja como guia das ações humanas. Inter-relacionada à crença no poder da razão está a ideia de progresso, uma vez que se concebe a própria razão como agente do progresso humano: o progresso ocorre na medida em que existe a aplicação crescente da razão no controle do ambiente físico e cultural (ANDERY et al., 2007, apud ALVARENGA et al., 2011).

Sob esta perspectiva antropocêntrica que perpassava o iluminismo positivista é que vislumbramos o aparecimento da *tecnociência* como um paradigma que passa a definir a história da humanidade, calcada num princípio de ordem e na crença de um progresso contínuo da razão, alheio sob a ótica geral à complexidade do mundo e ao caos do perspectivismo filosófico. Assim, esse reducionismo epistemológico da própria ciência, como disse Comte, caracteriza-se por estar a serviço dos interesses da burguesia e, portanto,

⁴ O positivismo comteano é caracterizado, sobretudo, pela orientação antimetafísica e antiteológica que pretendia imprimir à filosofia, e por preconizar como válida unicamente a admissão de conhecimentos baseados em fatos e dados da experiência.

funciona também no sentido de fomentar as desigualdades sociais, culturais e econômicas estabelecidas. Para tanto, constituem-se como ferramentas de grande importância as *mídias*, pois os mecanismos de informação e comunicação que foram sendo construídos no arrimo da tecnologia propiciaram a consolidação de uma sociedade cada vez mais virtualizada, contudo, não democratizada. Como podemos ler em Sousa et al.:

Os meios de comunicação eram vistos como agentes desse processo não só pelo capital que os criava e mantinha, ou pela tecnologia de que se serviam, ou mesmo pelos produtos que veiculavam, mas pela lógica de concepção de vida que alimentavam e pelo lugar cultural que passavam a ocupar na vida cotidiana das pessoas e grupos sociais (1995, p.19).

As tecnologias da comunicação até o momento quase sempre foram reduzidas a simples tecnologias, mas na pós-modernidade essa lógica passa a ser superada diante do caráter que elas adquirem ou imprimem na vida das pessoas, na maneira de ser do mundo e das coisas. Henry Jenkins (2008), por exemplo, fala de uma cultura da convergência, onde as mídias tradicionais, passivas, se encontram com as novas mídias, mais participativas e interativas, num espaço que ele considera revolucionário, afinal, ele promove ou ao menos projeta uma nova perspectiva diante das tecnologias, ultrapassando o modelo das teorias críticas.

Jenkins elabora uma teoria da comunicação que considera o sujeito para além da recepção, criando uma proposta que, a partir da integração das mídias, possibilita a construção de uma cultura participativa onde se estabelece a inteligência coletiva, ou seja, um ambiente de aprendizagem colaborativo. Na internet, por exemplo, as pessoas subordinam sua *expertise* individual a objetivos e fins comuns. Ninguém sabe tudo. Todo o conhecimento reside na humanidade. O que não podíamos saber ou fazer sozinhos, agora já podemos saber ou fazer coletivamente, afinal, desde Aristóteles a ciência se desenvolveu como um conhecimento aplicado exatamente pelo excesso de informação e, por isso, a divisão dos saberes em ramos tornou-se uma necessidade cada vez mais utilizada e a fragmentação do conhecimento fez com que o homem deixasse de ter a consciência da plenitude dos fatos. A organização dos espectadores em comunidades de conhecimento

permitiria, portanto, segundo Lévy (1999), que eles tenham conhecimento do todo e, deste modo, exerçam maior poder agregado.

A filosofia especulativa foi praticamente suplantada na modernidade, principalmente sob o ponto de vista das teorias críticas⁵, pela concepção positivista do conhecimento e talvez estejamos, segundo esta nova perspectiva, vivendo um momento retroativo em que novamente a filosofia seja colocada diante dos holofotes, visto que a pós-modernidade, em sua extensão e complexidade, amplia as referências e exige a valorização das perspectivas.

Assim, no renascimento do perspectivismo filosófico da era da convergência, cada vez mais a exclusão digital está causando preocupação a respeito da lacuna participativa. Durante os anos 1990 a questão principal era o acesso, hoje, no entanto, a maioria das pessoas já tem algum tipo de acesso à tecnologia, mas o problema principal passa a estar localizado na familiaridade com os novos tipos de interação social e no domínio mais pleno das habilidades conceituais elaboradas em resposta à convergência das mídias.

Mais que acesso, devemos nos preocupar hoje com a participação e, para tanto, a escola provavelmente poderia ocupar um lugar privilegiado na organização dessa nova tessitura.

Se as crianças devem aprender habilidades necessárias à plena participação em sua cultura, podem muito bem aprendê-las envolvendo-se em atividades como a edição de um jornal numa escola imaginária, ou ensinando umas às outras as habilidades necessárias para se sair bem em jogos para múltiplos jogadores, ou quaisquer coisas que pais e professores atualmente consideram ocupações sem importância (JENKINS, 2008, p. 236).

De outro modo, a *noção de andaime*⁶ que sempre dominou o universo escolar agora assume uma nova dimensão, pois:

Os espaços de afinidades oferecem poderosas oportunidades para o aprendizado porque são sustentados por empreendimentos comuns, criando pontes que unem as diferenças de idade, classe, raça, sexo e nível educacional; porque as pessoas

⁵ Tome-se como exemplo destas teorias a Escola de Frankfurt com teóricos como Theodor W. Adorno, Max Horkheimer e Jürgen Habermas.

⁶ Concepção apresentada por Henry Jenkins (2008) segundo a qual o conhecimento é construído por etapas, umas sobre as outras.

podem participar de diversas formas, de acordo com suas habilidades e interesses; porque dependem da instrução de seus pares, de igual para igual, com cada participante constantemente motivado a adquirir novos conhecimentos ou refinar suas habilidades existentes; porque, enfim, esses espaços de afinidades permitem a cada participante sentir-se um expert, ao mesmo tempo em que recorrem à expertise de outros (JENKINS, 2008, p. 237).

A humanidade agora tende a se organizar através dos pontos de vista diferentes, constituindo-se cada vez mais em torno da democracia. A cultura do conhecimento, portanto, depende cada vez mais da qualidade e da diversidade das informações que podem ser acessadas. A capacidade de aprender por compartilhamento de ideias e comparação de observações com outras pessoas é reduzida severamente quando todo mundo já compartilha as mesmas convicções e o mesmo conhecimento.

A convergência representa, deste modo, uma mudança de paradigma – um deslocamento de conteúdo midiático específico em direção a um conteúdo que flui por vários canais, rumo a múltiplos modos de acesso a conteúdos midiáticos e em direção a relações cada vez mais complexas.

O desenvolvimento da técnica que aqui se configura nas mídias, no entanto, não provoca apenas processos de emancipação, mas, segundo Morin (1998), também provoca novos processos de manipulação do homem pelo homem ou dos indivíduos humanos pelas entidades sociais. Com a tecnologia inventam-se novos modos de manipulação muito sutis, pelos quais a manipulação exercida sobre as coisas implica a subjugação dos homens pelas técnicas de manipulação. É preciso, portanto, evidenciar a dominação velada que ora se pratica e buscar a inclusão dos indivíduos no universo digital, emancipando-os. Claro que a emancipação não é um elemento que pode ser estabelecido como que por *osmose*, mas deve ser construído a partir de um movimento de esclarecimento, onde o *agir comunicativo* se torna de fundamental importância na conscientização dos sujeitos. Assim, o modelo do agir comunicativo projetado por Habermas (1987) espera resgatar o indivíduo da reificação impingida pelo sistema, conscientizando-o do processo de dominação através da denúncia, resistência e ação concreta, com o objetivo de mudar esse quadro.

De outro modo, podemos também vislumbrar uma visão mais trágica ainda sobre a tecnologia que pode ser conhecida através do pensamento de Paul Virilio (1999), que acredita que todo esse processo de “modernização” da humanidade tenha levado ao

empobrecimento da linguagem e da comunicação, de modo que Gutemberg (1398-1468) embora tivesse a pretensão de colocar a leitura ao alcance de todos acabou, sem querer, na verdade fabricando uma legião de surdos-mudos, que passam a vida a correr, se apressando, sem fazer nada mais do que marcar passo e cair no vazio.

Para Virilio “os jovens, colocados à tela desde o maternal, contraíram perturbações hipercinéticas, devida a uma disfunção do cérebro, que gera atividade desconexa, problemas de atenção, bruscas descargas motoras incontroláveis” e mais, “as infovias [criaram] leitores silenciosos que sofrem de problemas de comunicação, trancados em seus quartos, sós” e que, sem outros pontos de referência na vida, projetam-se para uma existência vazia e sem sentido (1999, p. 43).

Virilio entende, então, que a revolução técnica é uma tragédia do conhecimento, uma confusão babeliana dos saberes, que gerará inevitavelmente acidentes contínuos a caminho do possível *Acidente Global*, pois, para ele, toda tecnologia traz consigo seu acidente, como no caso do trem que traz o descarrilamento e do computador que traz consigo o vírus, por exemplo.

Apesar das concepções trágicas sobre as tecnologias, os educadores não podem, porém, perder a esperança de dias melhores dentro do contexto em que atuam, pois concebe-se que à escola cabe, hoje mais do que nunca, a formação de leitores sujeitos ou leitores autores, conforme a perspectiva de Luckesi (1987). Embora a escola tenha privilegiado em sua história a leitura da palavra escrita em seus processos pedagógicos, faz-se necessário atualmente, diante das novas tecnologias, aprender a ler todas as possibilidades performáticas de linguagem (oral, escrita, sonora e imagética), afinal, os novos processos de comunicação exigem cada vez mais um sujeito crítico e ágil em seu raciocínio, com posturas claras e capaz de fazer escolhas e proposições.

A capacidade de leitura de que falava Luckesi não é mais simplesmente identificar signos, mas é também a compreensão e a apropriação do significado da mensagem, que implica, por sua vez, num emaranhado de operações cognitivas que possibilitam ao sujeito selecionar, organizar, interpretar e reelaborar as mensagens que recebe sob diversos tipos de linguagem. Ler na pós-contemporaneidade é compreender o mundo e compreender-se no mundo.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. A linguagem e a realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançado por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1988).

A REFORMA DO PENSAMENTO NA ERA PÓS-MODERNA

Esse panorama que se instaura nos possibilita pensar sobre a importância do complexo no conhecimento e, principalmente, sobre o reconhecimento da humanidade que corre em nossas veias racionalizadas. A conjuntura atual constitui-se certamente como um alerta fremente para a reforma do pensamento, como bem alertava Paul Virilio.

É preciso recuperar a razão e lutar contra a racionalização, sem, contudo, negar a necessidade da técnica para a humanidade, bem como sem esquecer que a evolução se dá por revoluções⁷ e, que, deste modo, a mudança de atitude não pode ocorrer de maneira volátil, mas sob impulso de uma tensão entre a ordem/desordem, ou seja, é justo imaginar que a mudança de atitude com relação à racionalização e à tecnologização da epistemologia só vai acontecer na iminência do caos e da desordem. A grande problemática, neste sentido, é a gerência do quão suportável é para a natureza e para a humanidade a desordem provocada pelo indivíduo/sociedade em seu meio.

De qualquer maneira, é evidente que a mudança de paradigma passa pela educação e pela promoção de novos valores, que contrariem aqueles instituídos na égide da dominação.

O bem estar social, diz Dominique Wolton (2007), só será possível quando a, democracia (comunicação tecnologia e informação) mais identidade e densidade da política no cotidiano forem congregadas numa prática social que seja para todos, sem exceção. Nesse aspecto a escola é um organismo fomentador por excelência, já que a ela cabe a construção direta de uma identidade social comprometida com a sociedade e pautada nos

⁷ *Conceito de revolução científica - Thomas Kuhn (1975): Nas fases normais da ciência, o paradigma serve para auxiliar os cientistas na resolução de seus problemas, e o progresso se faz por acumulação de descobertas, que criam situações de crise, onde o paradigma já não resolve uma série de anomalias acumuladas, gerando as revoluções científicas, que culminam na descoberta e na aceitação de um novo paradigma, mais amplo e completo.*

valores democráticos, que podem, por fim, municiar os indivíduos que ali se amparam como sujeitos de uma existência real e comprometida com o futuro da sociedade e da própria humanidade.

Educar para o pensar através das mídias é um desafio que pode ser alcançado através da consolidação de um modelo educacional baseado no diálogo. Assim, sob o amparo da filosofia, o perspectivismo crítico pode ser avaliado e considerado e, através da comunicação, um novo agir pode ser constituído como norte de um novo modelo de *pensar, agir e existir*.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Augusta Thereza de; et al. Histórico, fundamentos filosóficos e teórico-metodológicos da interdisciplinaridade. IN: PHILIPPI JR., Arlindo e SILVA NETO, Antônio J. *Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia e Inovação*. São Paulo: USP, 2011.

FREIRE, Paulo. *A Importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1988.

HABERMAS, Jürgen. *Técnica e ciência como “ideologia”*. Lisboa: Edições 70, 1987.

JAPIASSU, H. *Como nasceu a ciência moderna e as razões da filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. Tradução Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

KUHN, Thomas. *A estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo, Perspectiva: 1975.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LUCKESI, Cipriano et al. O leitor no ato de estudar a palavra escrita. In: *Fazer universidade – uma proposta metodológica*. São Paulo: Cortez, 1987.

MORIN, Edgar. *Ciência com Consciência*. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

SOUSA, Mauro Wilton de (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

VIRILIO, Paul. *A bomba informática*. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

WOLTON, Dominique. *Internet, e depois?* Porto Alegre: Ed. Sulina, 2007.